



*Códigos
de família*

MEMÓRIAS



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by Gattai Produções Artísticas Ltda.
1ª edição, Record, Rio de Janeiro, 2001

Grafito atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Projeto gráfico e capa

Rita da Costa Aguiar

Imagen da capa

Xilogravura de Calasans Neto

Pesquisa iconográfica

Bete Capinan

Foto do caderno de imagens

Acervo da Fundação Casa de Jorge Amado

Preparação e assistência editorial

Cristina Yamazaki/ Todotipo Editorial

Revisão

Marise Leal

Veridiana Maenaka

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gattai, Zélia, 1916-2008.

Códigos de família: memórias / Zélia Gattai.
— São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1631-7

1. Amado, Jorge, 1912-2001 2. Escritores brasileiros — Biografia
3. Gattai, Zélia, 1916-2008 4. Memórias autobiográficas I. Título.

10-01997

CDD-928.699

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores brasileiros : Biografia 928.699

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

PEQUENA LISTA DE CÓDIGOS À GUISA DE PREFÁCIO

Bom dia, luz do dia! Mesiê dame, bondjour! Alor, alor, raparigal! Poderia usar qualquer destas expressões para chegar a vocês, queridos leitores de minha mãe.

— Mas o que você veio fazer aqui — me perguntariam vocês com alguma razão — retardar o prazer da leitura do novo livro de Zélia Gattai? Desculpem-me, mas este é um livro familiar, assim combinado: Paloma Press escreve o prefácio, Zezé Leoni, o livro, Juca Badaró, o posfácio. Jorgevaldo contribuiu com a autoria e a inspiração para vários códigos. A ele o livro é dedicado, com as nossas saudades.

Papai andava, havia muito, calado e triste, sabíamos que seu organismo estava muito frágil, era preciso um equilíbrio perfeito para que continuasse em frente, o que exigia uma química extremamente bem dosada. Mamãe se ocupava de tudo, não saía de seu lado, queria estar em casa todo o tempo. Como fazer para não cair em depressão também? Nesses dois anos, ela escreveu e publicou *Città di Roma* e *a*

sereia. O computador era seu oásis, escrever permitia que tirasse a cabeça de tanta tristeza. E agora, o que fazer? *J'éttoufe*, poderia dizer, como papai dizia em Paris, abrindo as janelas em pleno inverno. Estava abafada, era necessário abrir mais uma janela.

Há alguns anos que eu colecionava nossos códigos familiares. Tinha feito uma bela lista com a ajuda de João Jorge. Quando ouvi pela enésima vez a resposta (“Não tenho mais o que escrever”) ao meu apelo (“Vai pro computador, maezinha”), lembrei-me da lista, imprimi-a e levei para ela: “*Mãe, io te do una cosa a te, tu me dai una cosa a me!*”. Usando um código que é só de nós duas, fizemos a troca de uma lista por um livro.

Não foi fácil começar, pois a angústia nem sempre é boa companheira da escrita, ainda mais da escrita leve e alegre que marca sua obra. Mas, depois de contar uns dois ou três códigos, ela tomou gosto e foi em frente com prazer.

Nem todos os códigos da lista estão no livro; os que faltaram, na sua grande maioria, não têm por trás de si uma história; às vezes um pequeno fato já deixava sua marca nos Gattai Amado. Outros não entraram porque *o dono não gosta!* É por isso que não vou contar o porquê de *Jorgevaldo*, por exemplo.

Gostaria de deixar registrado aqui alguns dos códigos que sobraram. Aqueles mais usados, mais do meu coração. Como adoro fazer listas, herança de meu pai, mestre numa boa lista (“Vamos fazer uma lista, minha filha?”, dizia-me ele, divertido...), é nesta forma que os vou apresentar:

Ok, Joe — Usado sobretudo por João para dizer *tudo bem*. Foi incorporado a partir da leitura dos quadrinhos de Lucky Luke.

Paloma Clair (ou outro nome qualquer seguido de Clair) — Usado para chamar aquele ou aquela que se antecipa e diz a frase que vai ser dita na novela. O código original leva meu nome porque eu gostava muito de fazer isso. Depois que pegou, passamos a usar o sobrenome de Janete Clair para todos os sabichões que mostram que às vezes os personagens dizem coisas muito óbvias.

Pezzetino friulano — Usado para dizer que se quer um pedaço pequeno de alguma coisa. Criado por João numa viagem pela Itália, quando estávamos os quatro reunidos. Papai recebia o prêmio Nonino, em Percoto, cidade da região do Friuli, e João, muito delicado, batizou de *friulano* o pedacinho (*pezzetino*) que é ainda menor.

Si è data a la bêbita — Usado para mexer com alguém, dizendo que está bebendo muito. Foi criado para vovó Angelina, que gostava de uma bebidinha de vez em quando. Um dia fomos à casa de tia Wanda, em São Paulo, e pegamos vovó, que morava com ela, tomando um traguinho de uísque. Eu, mocinha, que estudava italiano, quis mostrar sabedoria: “Então, nona, *si è data a la bêbita?*”. João completou: “Estamos mal, uma avô *si è data a la bêbita* e a outra, *a la fúmita*” (querendo falar de Lalu, mãe de papai, que fumou durante toda a vida).

Só falta a miuçalha — Usado para mexer com mamãe quando ela fica nervosa em véspera de viagem. Foi ela mesma quem começou, na aflição de fazer malas — e quantas malas ela tem feito nesses anos todos! —, sempre achando que não vai dar tempo de terminar. As malas já na porta, se lhe perguntam se está tudo pronto, a resposta sempre é: “*Só falta a miuçalha!*”.

Tudo muito bem ajeitadinho — Expressão usada quando alguma coisa está bem arrumada. Este código veio de Portugal, de uma história ótima da tia do escritor António Alçada Baptista. Foi quando da Revolução dos Cravos, muita coisa desencontrada se dizia, e foi parar nos ouvidos da tia do António que os comunistas iriam tomar sua quinta no interior. Indo visitar a tia, Alçada encontrou a casa em grande rebuliço, muro sendo pintado, pequenos consertos por toda parte. Quando lhe perguntaram o porquê de tantos trabalhos, a tia respondeu: “Dizem que os comunistas vêm para tirar tudo de mim. Quero que, quando chegarem, possam dizer: ‘Esta senhora tinha *tudo muito bem ajeitadinho*’”.

É um farol — Usado para designar um umbigo grande. Foi papai que usou a expressão quando da visita de uma amiga estrangeira, que chegou de biquíni com uma canga enrolada. Era um mulherão e tinha o maior umbigo que já vi em minha vida. Quando ela foi embora, papai não resistiu e disse: “*É um farol!*”. Morremos de rir e a coisa pegou.

Mesiê dame bondjour (falado em francês com carregado sotaque do Leste Europeu) — Cumprimento, bom-dia; João Jorge sempre anuncia sua chegada dessa maneira. Trata-se da frase inicial de um pequeno discurso feito por imigrantes romenos e albaneses que desembarcaram em grande quantidade em Paris quando da queda do Muro de Berlim. Em busca de vida melhor, estes imigrantes encontraram muitas dificuldades e um bom grupo passou a pedir esmolas no metrô. O discurso pedia desculpas dizendo que não era por prazer que pediam esmolas, que sua família precisava comer etc. João o sabe todo e reproduz com perfeito acento dos imigrantes dos países do Leste Europeu.

Não t'acanhes — Como muitos outros códigos, este é literal, quer dizer que a pessoa não deve ter vergonha de fazer/dizer a barbaridade que pretende, enfim, que assuma suas palavras e seus atos. Ele foi tirado do livro de João Ubaldo sobre a luxúria (*A casa dos budas ditosos*), que tem uma passagem impagável sobre a fornicação em Portugal.

Gosto muito de si (dito com sotaque português e bastante dramaticidade) — Outro que é literal, mas que faz lembrar a amante portuguesa de um amigo nosso brasileiro. Parece que na hora H ela dizia isso quase chorando, fazendo o nosso amigo broxar de vez, uma tristeza.

Eu, Paulo? — Usado para fingir de ofendido quando alguém cobra por algo que na verdade se fez e se quer negar. Era Mirabeau, amigo querido de papai e de nós todos, quem contava. O tal Paulo era camarada de juventude deles e gostava de tomar uns porres homéricos. Caindo de bêbado, saía pelas ruas dialogando consigo mesmo e espalhando pela cidade os podres de todo mundo. Era mais ou menos assim: “Paulo, é verdade que você disse que a mulher do doutor Fulano anda se encontrando com o Fulaninho às escondidas?”. “Eu, Paulo? Eu não disse nada disso!”

Zezé Leoni — Apelido de mamãe dado por Nair de Carvalho. É o nome da primeira Miss Brasil, mulher de grande beleza.

Mas eu goshti! (com pronúncia francesa, ou melhor, com pronúncia de Misette) — Usado para afirmar, com convicção, um gosto. Imitamos com prazer esse refrão de Misette, que pegou no dia em que, questionada sobre a razão de comer uma coisa cheia de calorias, colesterol, que engorda, faz mal etc., ela justificou: “*Mas eu goshti!*”.